

Processo metodológico de uma pesquisa interdisciplinar¹

Beltrina Côrte², Ana Maria Ramos Sanchez Varella³ (PUC/SP)

beltrina@uol.com.br

amvarella@terra.com.br

Resumo

O Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação-LEC, teve seu início em 2003. Formado por uma equipe de profissionais multidisciplinares, tem como proposta a compreensão da complexidade do processo do envelhecimento e da velhice em si. O grupo é formado por pesquisadores de várias áreas do conhecimento, tornando as pesquisas muito mais enriquecedoras. É um grupo com diversidades de olhares e de pesquisas em seu interior. As diversas formações dos pesquisadores e os diferentes níveis de realidade exigem uma dinâmica interna que respeita os princípios interdisciplinares: espera, humildade, respeito e dasapego. Os pesquisadores vivem durante todo o tempo um processo interdisciplinar coletivo, o que gera discussões profundas e cooperam com a construção coletiva do conhecimento. Além disso, os pesquisadores têm de passar obrigatoriamente a olhar para o objeto pelo seu campo disciplinar de atuação, o que torna as pesquisas mais amplas e enriquecedoras. Desde a escolha do tema até os caminhos que serão seguidos fazem deste grupo um instrumento coletivo de construção, desconstrução e passa por diferentes níveis de percepção. Que caminho é esse que o grupo está percorrendo?

Palavras- Chave: Processo, Pesquisa, Metodologia

Este artigo apresenta o processo metodológico de uma pesquisa Interdisciplinar no Grupo de Pesquisa “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação – LEC”, cuja proposta é analisar a cobertura da mídia em relação ao envelhecimento e à longevidade.

O LEC teve seu início em 2002 e está inserido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP. É formado por 12 pesquisadores de áreas disciplinares distintas: Letras, Psicopedagogia, Pedagogia, Psicologia, Jornalismo, Fisioterapia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Nutrição e Economia. Destes, 6 são mestres em Gerontologia, 1 doutor em Ciências da Comunicação, 2 doutorandos (Educação-Currículo/PUCSP e Ciências Aplicadas à Pediatria/Unifesp) e 1 estudante de Economia. A maioria mora em São Paulo e na Grande São Paulo, 1 em Diamantina (MG) e outro em Bauru (SP).

¹ Trabalho apresentado ao II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, Vitória/Vila Velha (ES), setembro de 2005.

² Líder do Grupo de Pesquisa “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação - LEC”, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP, editora da revista Kairós-Gerontologia, pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE da PUC/SP e coordenadora do site www.pucsp.br/portaldoenvelhecimento. E-mail: beltrina@uol.com.br

³ Licenciada em Letras, Psicopedagoga, mestra em Gerontologia e doutoranda em Educação-Currículo pela PUC/SP, pesquisadora da PUC/SP do Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade -GEPI e do Grupo de Pesquisa “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação -LEC”, docente da Universidade Paulista - UNIP nos cursos de Comunicação Social: Publicidade e Jornalismo, Direito e Administração. E-mail: amvarella@terra.com.br

Como representação imagética o grupo escolheu um leque que tem como definição um abano com varetas que se abrem e fecham, exatamente como o grupo se coloca frente ao conhecimento, apresenta seus conhecimentos disciplinares (movimento de abertura), ouve o outro e se recolhe para apreender o novo e em seguida se abre para uma nova troca de saberes. Segundo Fazenda (2001a, p.12), a interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento.

A interdisciplinaridade é o componente chave deste grupo?

O que os pesquisadores têm em comum? O que os une?

D'Ambrosio (1998, p. 69), em sua fala sobre as novas possibilidades da ciência, afirma que o estudo das disciplinas não resolve problemas maiores. Surge a necessidade da idéia multidisciplinar. Ele utiliza a imagem do pássaro que precisa sair da gaiola e conhecer outros pássaros de outras gaiolas para juntos procurarem alguma coisa. O LEC se encaixa nessa perspectiva: seus pesquisadores já abriram suas gaiolas para o conhecimento de outras áreas e encontraram em comum o tema envelhecimento que passou a ser o objeto de estudo do grupo e eles têm como proposta a compreensão da complexidade do processo do envelhecimento e da velhice em si.

Ainda segundo Fazenda (2001a, p.12), “todo projeto interdisciplinar competente nasce de um lócus bem delimitado, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer.”

O “locus” do grupo é a Comunicação e é importante destacar que esse eixo norteador não tem relação direta com as pesquisas individuais realizadas anteriormente pelos pesquisadores, o que comprova a vontade coletiva de buscar um novo conhecimento. A definição do próprio tema de pesquisa foi um processo coletivo.

Essa é a vida do grupo, conhecer coisas novas. Para D'Ambrosio (1998, p.71), “comportamento e conhecimento são ações permanentes enquanto se está vivo, vida é ação e ação se manifesta com conhecimento e comportamento”.

No tema envelhecimento destaca-se a relação com a própria vida, com sua essência e acredita-se que vida e ação estão em correlação. Por esse motivo resgatar o histórico do grupo foi de grande valia, pois propiciaram uma reflexão conjunta, inclusive sobre os procedimentos para este artigo.

O início do LEC. Em 2002 o grupo apresentou para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, um tema definido coletivamente: *Os anos (in)desejados: a cobertura da longevidade pela imprensa brasileira*, ao comitê da área da Comunicação. Não foi aceito, com a explicação de que o projeto fazia parte da “área médico-social”. Em 2003, depois de reformulado, seguiu novamente para a CAPES, desta vez para a área Multidisciplinar, levando um tema que estava na pauta do momento: *A cobertura da violência contra os idosos na mídia impressa brasileira*. Também foi negado, após 6 meses de espera, com a alegação de que fazia parte da área da Comunicação.

O LEC, sem subsídio para iniciar as pesquisas foi derrotado mais uma vez. Qual foi a atitude do grupo frente a essas negativas? Sem ajuda financeira como dariam conta das pesquisas? Continuariam sem financiamento, mesmo sabendo que não há Identidade do grupo frente aos órgãos avaliadores? O que fazer para seguir nas investigações a que se propunham?

O desejo dos pesquisadores era continuar e para isso tiveram de reavaliar, refletir, reformular as propostas antes manifestadas no projeto.

Por que o grupo continuava unido, em parceria, com objetivos únicos?

Fazenda (2003, p.86) nos alerta que as dificuldades encontradas frente a instituições, não pode desestimular a ousadia do pesquisador. O grupo teve de se reconstruir para reformular o seu caminhar novamente.

Como foi esse processo?

O movimento interno de todos os componentes foi importantíssimo para a nova etapa da reestruturação do projeto, porque passaram a pensar nas questões econômicas, na localização geográfica dos pesquisadores, na escolha e acesso aos veículos de comunicação a serem investigados e à logística do processo. Das dificuldades e dos desafios colocados surgiram as soluções.

O grupo otimizou os critérios para definição dos jornais a serem pesquisados e principalmente verificar quem assinava qual jornal para que o custo fosse menor nessa fase da pesquisa, pois cada um teria de arcar com suas despesas individuais em benefício também do coletivo. Esse foi um dos critérios para definir a escolha e o acesso aos veículos de comunicação, assim como a área geográfica onde esses veículos se localizavam.

Chegou-se à conclusão de que não haveria motivo para investigar apenas a violência contra os idosos, mas aproveitar os diferentes jornais escolhidos para analisar diferentes aspectos sobre o envelhecimento.

A temática gerada após esses critérios foi “A cobertura da imprensa sobre o envelhecimento: o caso do jornal O Estado de S.Paulo, Jornal da Tarde, Folha de S.Paulo e Valor Econômico”. O *critério* definido foi a *idade*, mas o *tema envelhecimento*. Hoje, a pesquisa já está no seu segundo ano, fazendo um comparativo dos dados, entre os meses de junho, julho e agosto (2003 e 2004).

Análise metodológica do grupo

O que pode gerar num grupo, as diferentes formações? O que é exigido de cada componente, se o olhar de cada um para o objeto de pesquisa passa pelo campo disciplinar de atuação?

Segundo Morin (1983, p.33), a articulação das competências forma um anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento. Para ele, “a apreensão do todo só pode ser efetivada através da adoção de uma atitude transdisciplinar”, porque as competências individuais podem ser articuladas.

Sendo um grupo com diversidades de olhares e de pesquisas em seu interior e com diversas formações e diferentes níveis de realidade exigiu um olhar diferenciador de todos. Mas não foi tão simples assim, os conflitos se manifestaram, logo após terem definido as primeiras tarefas individuais e foi necessária uma intervenção da líder que também teve de repensar sobre o movimento que se manifestava ali.

Os desejos diferentes de partir para a pesquisa, aceitar o olhar do outro, é uma grande dificuldade. Alguns queriam ver os resultados de imediato. Outros queriam dominar a atuação dos demais, ajustando aos seus tempos e às suas velocidades. O grupo não havia percebido que o repertório particular de cada componente permite um desdobramento para conhecer e respeitar as outras áreas. Mautner (1991, p.72) aponta que “o caminho da superação está no enfrentamento das barreiras” que surgem no encontro com os diferentes.

No início não foi tão simples ouvir o outro, respeitar a opinião alheia, sem imposições, respeitar os tempos e velocidade de cada um. A líder passou também por esse processo de dor, de desequilíbrio, para dar conta de uma nova formação interna. Modificações, transformações, era necessário modificar para poder construir. Para quê?

A solução seria pensar numa dinâmica para que pudesse haver uma certa sintonia entre todos ou era natural esse desencontro?

Que dinâmicas deveriam ser pensadas para o grupo?

Os pesquisadores vivem durante todo o tempo um processo interdisciplinar coletivo? As discussões cooperam com a construção coletiva do conhecimento? Desde a escolha do tema até os caminhos seguidos faz deste grupo um instrumento coletivo de construção, desconstrução, passando por diferentes níveis de percepção? Que caminho é esse que o grupo está fazendo?

A temática do grupo, envelhecimento, já gera por si só um caminho de inclusão social, exatamente a mesma inclusão que os componentes do grupo exigem entre si. Talvez, por isso, o desafio primeiro foi o de pertencimento, mas as diferenças entre os componentes emergiram...

No início os pesquisadores encontravam dificuldades para os encontros, alguns ainda não se dispuseram a participar inteiramente, não se assumiram como um todo. Há ocasiões em que alguns mostram que não sabem ouvir, querem apenas falar, comandar, dar ordens, o que gera um certo mal-estar.

No primeiro momento o grupo criou uma sintonia para um método. Analisar em cima das coletas para interpretar os dados. Coletivamente elaborou um instrumento de pesquisa. E, desta construção, conceitos específicos da comunicação serviram de elo e de “alimento” para que cada qual se sentisse pertencente. Em cada variável (pergunta) elaborada há um pouco de cada um. No segundo momento foram definidos os caminhos para determinar como seria a coleta, inclusive a sua logística. No terceiro momento é a coleta em si.

No segundo momento, a coleta dos aspectos quantitativos e depois análise das narrativas. Nesta etapa, o grupo está na ação e não na discussão teórica. A atitude de cada um e ação como grupo de pesquisa.

O que se pergunta neste momento é se esta ação gerada pelo grupo já não os aproxima da Interdisciplinaridade?

De acordo com Fazenda (2001b, p.88), uma atitude interdisciplinar se identifica pela “ousadia da busca, da pesquisa, da transformação” e nos projetos interdisciplinares encontram-se possibilidades do pensar, questionar e construir. O grupo LEC já está vivenciando este momento?

A autora ainda destaca que para haver a execução de um projeto interdisciplinar, uma das possibilidades é a pesquisa coletiva, exatamente o que o LEC tem feito. Além disso, é necessário haver “uma pesquisa nuclear que catalise as preocupações dos diferentes pesquisadores” e, outra, chamada de satélite, em que cada componente tenha o seu pensar individual e solitário.

Que caminho é este que o LEC está realizando? É possível que alguns pesquisadores ainda não se perceberam interdisciplinarmente? Fazenda (2001b, p.78) acrescenta que “perceber-se interdisciplinar é, sobretudo, acreditar que o outro também pode ser ou tornar-se interdisciplinar”.

Fazenda acrescenta que quando o grupo pára, observa e avalia o caminho que trilhou, há a possibilidade de se fazer com maior facilidade a passagem da didática tradicional para uma transformadora didática interdisciplinar.

Ela nos esclarece que “A construção de uma didática interdisciplinar baseia-se na possibilidade da efetivação de trocas intersubjetivas” (2001b, p.79). Essa fala mostra que

o grupo deve promover entre si trocas e autoconhecimento para que cada um possa contribuir na ampliação de diferentes aspectos a serem abordados.

A problemática do grupo tem encontrado barreiras de financiamento de pesquisa e de difusão de seu produto em publicações reconhecidas pelas agências de fomento à pesquisa. Entretanto, as tentativas ao inscrever trabalhos em Congressos têm um resultado positivo, inclusive participações em Congressos Internacionais como, *The 18 Congress of the International Association of Gerontology*, em junho de 2005 e o *II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade*, para o qual elaboramos este artigo, o que muito honra o LEC.

A proposta aqui registrada é refletir sobre o caminho metodológico vivenciado pelo LEC, até mesmo para que o próprio grupo possa ser revisitado por ele mesmo, identificando-se, e assim prosseguir seu caminhar com maior comprometimento.

Este momento, de repensar o caminho metodológico tomado pelo grupo, pode levar seus componentes a se perguntarem o que tem de ser mudado, o que tem de ser construído e modificado para que o grupo caminhe dentro do processo de uma pesquisa interdisciplinar. E mais, o que o tema envelhecimento, assunto novo nos jornais, também apresenta aos pesquisadores a possibilidade do novo olhar para o assunto.

O grupo tem dentro de sua sigla a comunicação como elemento articulador e construtor e está vivenciando este movimento na elaboração desta narrativa. E para que esta fosse produzida, os pesquisadores colocaram em prática o movimento interdisciplinar de humildade, comprometimento e desapego. Todos tiveram a possibilidade da revisitação à história individual e coletiva, propiciando a riqueza de viver a memória num processo construtivo. Aliás, muitos estudiosos já manifestaram a importância da memória na reconstrução da vida, entre eles Halbwachs (1990), para o qual o momento presente é uma reconstrução de tudo o que se vive e aprende. Ressalta-se, aqui, que este processo coletivo é possível porque a líder tem por natureza atitudes interdisciplinares que a autorizam a aproximar pesquisadores também com atitudes interdisciplinares.

Referências bibliográficas

FAZENDA, Ivani (org.) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo, Cortez, 1992.

_____ (org.) *A virtude da força nas práticas Interdisciplinares*. Campinas, Papyrus, 1999.

_____ (org.) *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo, Cortez, 2001a.

_____ *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas, Papyrus, 2001b.

_____ *Uma experiência na Universidade*. Revista KAIRÓS, São Paulo 6 (1), pp85-96, jun.2003. Educ.

D'AMBROSIO Ubiratan. *Interdisciplinaridade, novas possibilidades da ciência*. Revista KAIRÓS, São Paulo 6 (1), pp67-84, jun.2003. Educ.

MORIN. Edgard. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal, Ed.Europa, América (1983).

MAUTNER , A .V. *Vicissitudes da barreira do contato*. Ver. USP, 11:71-6, 1991.